

# Papéis brasileiros batem recorde de valorização

C-Bond foi negociado a 89% do valor de face e risco país quebrou a barreira dos 800 pontos

PATRÍCIA CAMPOS MELLO

O mercado demonstrou mais uma vez, ontem, a recuperação da confiança no Brasil. O C-Bond, título mais negociado da dívida externa brasileira, voltou a bater recorde histórico de valorização, negociado a 89% do valor de face. Na quarta-feira, o papel já havia apresentado uma valorização sem precedentes, atingindo 88% do valor de face. O título brasileiro já acumula valorização de 34,3% neste ano. O risco país acompanhou o cenário positivo e rompeu a barreira dos 800 pontos, fechando em 776. O índice não chegava nesse patamar desde 23 de abril de 2002, quando fechou em 772 pontos.

E o Ibovespa fechou em 12.810 pontos, o maior nível desde 29 de maio do ano passado, com valorização de 2,02%.

Remando contra a maré de otimismo, o dólar encerrou o dia cotado em R\$ 2,96, em alta de 1,82%. Mas, para analistas, a alta da moeda americana não demonstra uma reversão nas expectativas positivas. E nem sinaliza para uma quebra na tendência de apreciação do câmbio. "Foi um dia atípico, de baixa liquidez, influenciado por uma demanda de US\$ 100 milhões de uma grande empresa", disse o chefe da mesa de câmbio do ING, Alexandre Vasarhelyi. Com um volume de negócios pequeno, uma única operação consegue influenciar a cotação da moeda americana.

Segundo Vasarhelyi,

o fato de o C-Bond ter batido recorde histórico e o risco país ter rompido a barreira de 800 pontos mostra que não houve mudança na visão favorável do mercado e que o dólar não deve voltar a subir tão cedo.

O dólar abriu em alta de 1,72%, pressionado pelas declarações de quinta-feira do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Lula disse que o governo não queria que o dólar caísse demais, para não prejudicar as exportações. Ontem, porém, o presidente rea-

firmou que o câmbio é flutuante e que "o governo não vai meter o dedo na questão do dólar". O ministro da Fazenda, Antônio Palocci, seguiu na mesma linha de "panos quentes". Mas, para Vasarhelyi, a causa predominante para a alta do dólar foi mesmo a operação de uma empresa e a baixa liquidez do mercado, ainda que se considere o "ruído" causado pelas declarações de Lula.

A emissão de títulos soberanos realizada nesta semana, considerada muito bem-sucedida, é apontada como o principal motivo para o otimismo dos investidores. Na opinião de Alexandre Bassoli, econo-

mista-chefe do HSBC Bank, o encaminhamento das reformas na quarta-feira também foi um fator determinante para o cenário positivo que levou o C-Bond e o risco país a níveis tão favoráveis. "Trata-se de uma reversão das expectativas negativas, estamos voltando exatamente ao patamar de abril de 2002, antes do surgimento das incertezas", disse Bassoli.

Outro fator positivo foi o resultado da balança comercial de abril. O superávit comercial de US\$ 1,714 bilhão foi historicamente o segundo melhor para os meses de abril. Além disso, o Banco Votorantim concluiu uma captação de US\$ 80 milhões pelo prazo de dois anos e meio, uma indicação de que os

prazos das captações começam a se alongar.

Agora, para que o risco Brasil caia ainda mais, Bassoli acredita que seja necessária a aprovação das reformas. "Eliminamos as incertezas, mas agora restaram as fragilidades estruturais – portanto, só a aprovação das reformas vai fazer com que o risco caia abaixo dos 700 pontos", acha o economista.

Não foi só o C-Bond que teve um dia de alta histórica. De forma geral, os preços dos títulos da dívida dos países emergentes subiram ontem. O "spread" (diferença) do índice de bônus emergentes EMBI+, do JP Morgan, sobre os títulos do Tesouro dos EUA reduziu-se em 20 pontos-base, para 550 pontos-base. É o nível mais baixo desde o segundo trimestre de 1998. (Com AE)

## DO INFERNO AO CÉU

Criticas viram elogios e o risco país cai



29/4	2/5	20/6	27/9	17/1	1º/2	1º/3	10/3	3/4
MORGAN STANLEY	ABN AMRO	FITCH	GOLDMAN SACHS	MORGAN STANLEY	MORGAN STANLEY	GOLDMAN SACHS	FITCH	ABN AMRO
Rebaixa recomendação para os títulos da dívida brasileira por causa da crescente possibilidade do candidato Luiz Inácio Lula da Silva vencer a eleição presidencial	Rebaixa recomendação para investimentos no Brasil para 'neutra', de 'overweight' por causa do avanço de Lula nas pesquisas eleitorais	Reduz a nota de crédito do Brasil de BB- para B+ por causa do aumento da dívida pública de curto prazo, dificultando o pagamento das obrigações	Rebaixa recomendação para os títulos da dívida brasileira para 'pessimista', de 'neutra', por causa do favoritismo de Lula nas pesquisas eleitorais	Eleva recomendação para os títulos da dívida brasileira de 'underweight' (abaixo da média) para 'marketweight' (na média). Avaliação pessimista não se confirma	Volta a elevar a recomendação para os títulos da dívida do Brasil de 'marketweight' para 'overweight' (acima da média)	Analistas fazem um mea-culpa pelo rebaixamento dos papéis brasileiros e mostram confiança na política econômica. O banco eleva sua recomendação de 'underweight' para 'overweight'	Melhora a perspectiva das notas para a dívida do Brasil de 'negativa' para 'estável' pelo desempenho da balança comercial e da política econômica do governo	Eleva recomendação para os títulos da dívida brasileira de 'neutra' para 'overweight'. Confiança na aprovação de importantes projetos no Congresso